

Entrevista – Estado, Organizações e Sociedade.

Entrevista com Michael Löwy

Claudio Gurgel¹⁰
Sérgio Montalvão¹¹
Marcelo Schmidt¹²

RESUMO

É com grande honra que a Revista EAS apresenta aos seus leitores uma entrevista com o sociólogo Michael Löwy. Nascido em São Paulo e radicado na França, onde atua como Diretor de Pesquisas Emérito no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e leciona na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Löwy é uma das vozes mais influentes, originais e respeitadas do pensamento crítico contemporâneo global.

ABSTRACT

It is with great honor that the EAS Journal (Revista Estudos de Administração e Sociedade) presents to its readers an interview with the sociologist Michael Löwy. Born in São Paulo and based in France, where he serves as Research Director Emeritus at the Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) and teaches at the École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Löwy is one of the most influential, original, and respected voices in contemporary global critical thought.

¹⁰ Professor Titular da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Editor da Seção Estado Organizações e Sociedade da Revista Estudos de Administração e Sociedade. claudiogurgel@id.uff.br

¹¹ Professor Associado da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Editor-chefe da Revista Estudos de Administração e Sociedade. sergiomontalvao@id.uff.br

¹² Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal Fluminense (PPGAd/UFF). marcelo.schmidt.cathoud@gmail.com

1. Nos anos 50 e 60, o senhor viveu a efervescência da USP e participou, ao lado de outros intelectuais da sua geração, do "Seminário d'O Capital". De que maneira essa experiência, que teve como propósito ler os textos originais de Marx, evitando simplificações e dogmatismos, contribuiu para a sua leitura do marxismo?

Minha descoberta do marxismo é bem anterior ao "Seminário do Capital". Em 1954, aos 16 anos de idade, eu descobro os escritos de Marx, a começar pelo Manifesto Comunista. Pouco depois conheci Paul Singer, que me introduziu aos escritos de Rosa Luxemburgo, uma versão do marxismo livre de dogmatismos. A partir de 1955 passei a militar em uma pequena organização marxista, "luxemburguista", a Liga Socialista Independente.

Nestes anos, 1955-56, li vários escritos de Marx, sobretudo relacionados com a luta de classes: As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850, O 18 Brumário de Luís Bonaparte, A Guerra Civil na França em 1871. Portanto, quando entrei na Faculdade de Filosofia da USP já tinha um certo conhecimento do marxismo, que me permitiu tomar uma distância crítica em relação à sociologia burguesa (Durkheim, etc.). Alguns dos cursos da USP eram interessantes (Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Antônio Cândido, Aziz Simão), mas minha formação marxista se dava fora da universidade.

Comecei a me interessar pelo Jovem Marx, os escritos de 1844-46, de caráter filosófico-político. Meu primeiro artigo, publicado em 1961 na Revista Brasiliense, foi sobre o Jovem Marx. Descobri, por volta de 1958, os escritos de Lucien Goldmann, sociólogo marxista heterodoxo, que me empolgaram. Mas só vim a descobrir a crítica da economia política de Marx no "Seminário do Capital". Esta experiência foi limitada, porque só convidaram alguns estudantes a participar do Seminário quando estavam lendo o volume II d'O Capital. Não creio que tenha contribuído muito para minha leitura do marxismo, posto que nos anos seguintes meu interesse era mesmo o Jovem Marx, que foi o tema do doutorado que fiz na Sorbonne com Lucien Goldmann.

2. Em seu livro A Guerra dos Deuses, o senhor defende que há uma

"afinidade eletiva" entre a mística cristã e o marxismo. Entretanto, nas últimas décadas, vimos o avanço do neopentecostalismo conservador e uma perda de espaço das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Diante desse cenário, como o senhor enxerga o destino da Teologia da Libertação hoje?

As afinidades eletivas se tornam efetivas em determinada conjuntura histórica. Foi a Revolução Cubana que abriu um período histórico de lutas emancipadoras na América Latina, e é neste contexto que se dá, a partir de 1960, a aproximação de muitos cristãos ao marxismo. O cristianismo da libertação como movimento sociorreligioso vai se desenvolver no curso dos anos 60 e 70 em toda a América Latina. A teologia da libertação, depois de 1971, é um reflexo desta experiência e uma reflexão sobre ela.

A política conservadora e a hostilidade à teologia da libertação de Wojtyla e de Ratzinger vão reduzir o impacto do cristianismo da libertação e facilitar o desenvolvimento das Igrejas neopentecostais reacionárias. Entretanto, a influência do cristianismo da libertação persiste, sobretudo no Brasil, nas pastorais da Igreja (pastoral da terra, pastoral operária, etc.), nas CEBs e em vários movimentos sociais como o MST. Além da atividade de teólogos importantes, como Leonardo Boff e Frei Betto, cuja influência sociorreligiosa é muito ampla.

3. O senhor é conhecido por defender um "marxismo plural" e heterodoxo. Um ponto central da sua trajetória é o seu vínculo com as vanguardas modernistas, especialmente o Surrealismo. Como o senhor concebe essa relação entre a crítica social de Marx e a rebeldia estética do modernismo?

O Surrealismo não se considera como uma das "vanguardas modernistas". Estas — o cubismo, o fauvismo, o expressionismo, o futurismo — eram "rebeldias estéticas", geralmente de curta duração. O Surrealismo se define como um movimento bem mais amplo: trata-se de uma visão do mundo, de uma tentativa radical de unificar a transformação do mundo (Marx) e a mudança da vida (Rimbaud). Herdeiro do romantismo, o Surrealismo busca, como este, o "reencantamento do mundo", não pela estética, mas pela poesia universal, pelo sonho, pela magia, pelo amor louco, pela revolta e pela revolução. Um movimento que nasce em 1924, com o Primeiro Manifesto Surrealista de André Breton, mas que continua ativo até hoje, um século mais tarde, inclusive no

Brasil.

Esta dimensão revolucionária do Surrealismo toma, no primeiro momento, um caráter libertário. Walter Benjamin, em seu ensaio sobre o Surrealismo de 1929, escrevia: "Desde Bakunin, a Europa não tem mais uma ideia radical de liberdade. Os surrealistas a têm". Mas, no curso dos anos 1920, Breton e seus camaradas vão descobrir o marxismo e vão aderir ao Partido Comunista Francês. No Segundo Manifesto do Surrealismo, André Breton proclama a adesão dos surrealistas ao marxismo. Mas, a partir de 1935, revoltados com o estalinismo, os surrealistas vão romper com o Partido (salvo Louis Aragon) e se aproximar da Oposição comunista de esquerda.

Em 1938, Breton encontra Leon Trotsky no México e os dois vão redigir juntos um "Manifesto por uma arte revolucionária independente". Depois da Segunda Guerra Mundial, os surrealistas vão voltar a se aproximar dos anarquistas, mas Breton nunca deixou de manifestar sua admiração por Leon Trotsky. Alguns surrealistas, como o poeta Benjamin Péret, autor de um brilhante ensaio sobre "A Comuna dos Palmares", militaram nas fileiras da Quarta Internacional durante vários anos. De qualquer forma, ao longo de sua história, o Surrealismo nunca deixou de manifestar sua hostilidade ao capitalismo, à civilização ocidental, a toda forma de religião, ao colonialismo e ao nacionalismo.

4. Em sua entrevista ao Instituto Humanitas, em 2011, o senhor afirma que o problema do socialismo a que denomina "de tipo soviético" foi a falta de democracia, de liberdade e de auto-organização das classes oprimidas. A Glasnost de Gorbachev trabalhou nessa perspectiva. O que explica o desenlace daquela experiência?

Não sou um especialista da história da URSS para responder de forma satisfatória à sua pergunta... A tentativa de Gorbachev teve, sem dúvidas, aspectos interessantes. Visitei a União Soviética em 1989 e fiquei favoravelmente impressionado com a liberdade de expressão existente. Não havia ainda instituições democráticas nem auto-organização dos oprimidos, e algumas das reformas econômicas eram discutíveis. Ernest Mandel escreveu um livro interessante nesta época, propondo um balanço dos aspectos positivos e

problemáticos da Glasnost de Gorbachev.

O desenlace se deu por ocasião da tentativa de golpe contra Gorbachev por um setor estalinista do Exército e da burocracia. Isto forneceu a ocasião para um político oportunista, Boris Yeltsin, de tomar o poder em Moscou e, pouco depois, dissolver a União Soviética. Por trás desta manobra estava um poderoso setor da burocracia soviética que aspirava a uma restauração do capitalismo, e que aproveitou a crise para se apropriar das empresas estatais. Com o fim da URSS, Gorbachev perdeu seu poder e foi substituído por uma camarilha pró-capitalista autoritária e corrupta.

Pode-se criticar os erros e as ilusões de Gorbachev, mas é injusto culpá-lo pela restauração do capitalismo na ex-URSS. Trotsky havia previsto: se não houver uma revolução proletária, socialista, contra a burocracia, esta poderá, em algum momento, restaurar o capitalismo. Foi o que se passou.

5. Há, na atualidade da esquerda brasileira, uma crítica ao que se tem designado como "identitarismo" — termo que engloba as políticas de gênero, raciais, de diversidade de orientação sexual etc. —, atribuindo-se a isso a fragmentação das lutas políticas e a perda da centralidade das lutas de classes econômica e política. Como o senhor se posiciona diante dessa questão?

Temos que abordar esta questão de forma dialética. Não se pode negar o direito de grupos sociais oprimidos de se organizar e lutar por seus direitos. Em primeiro lugar as mulheres, que são a maioria da população! Assim como os negros, os indígenas e outros grupos racialmente oprimidos. O mesmo vale para minorias sexuais, etc. Se o movimento operário e camponês se opõe a estes movimentos sociais, estaria cometendo uma injustiça e um grave erro.

A tarefa dos sindicatos e dos partidos anticapitalistas é de promover a convergência das lutas, a unidade de todos os oprimidos, contra os adversários comuns: o imperialismo, o capitalismo, o racismo, a misoginia, o neofascismo. O movimento operário deve assumir as bandeiras destes movimentos e, com isto, se tornar a vanguarda de todas as lutas de emancipação. A luta de classes não pode se desenvolver se se ignora que a classe é também composta de mulheres, negros, etc.

Por outro lado, é tarefa dos revolucionários que participam dos movimentos sociais — feministas, antirracistas, etc. — de criticar a tendência a isolar as lutas, a fetichizar as identidades, a promover a fragmentação. É importante promover, do lado destes movimentos, a convergência com o movimento dos trabalhadores do campo e da cidade. Em conclusão: a orientação que me parece adequada é a que favorece a unidade, sem cair no "identitarismo" nem, do outro lado, num "obreirismo" que nega a legitimidade das lutas sociais de comunidades oprimidas.

6. Algumas categorias do marxismo têm sido abandonadas por militantes marxistas. É o caso de conceitos como "luta de classes", "imperialismo", "ditadura do proletariado" e "violência revolucionária". Essas categorias ainda lhe parecem válidas?

Não posso conceber um "marxismo" que nega a luta de classes! Ou o imperialismo. São categorias centrais não só para a análise da realidade, mas para sua transformação. Para um marxista, a luta de classes é não só o conceito que permite entender o movimento histórico, desde a revolta dos escravos liderada por Spártaco até hoje, mas é o vetor essencial de qualquer estratégia revolucionária. Quanto ao imperialismo, como entender *As Veias Abertas da América Latina* (Eduardo Galeano) sem tomar em conta a dominação imperialista do continente? E como lutar pela libertação nacional se não nos damos conta do que é o poder imperialista?

"Violência revolucionária"? Os revolucionários — contrariamente aos fascistas — não promovem o culto da violência. Mas a experiência histórica nos ensina que as classes dominantes não aceitam perder seu poder sem resistir pela violência. A história da América Latina é um exemplo evidente: as oligarquias só toleram a democracia se não ameaça (ou parece ameaçar) seus interesses. O golpe militar no Chile em 1973 é o exemplo mais evidente desta regra. O mesmo ocorreu na Espanha; quando a Frente Popular ganhou as eleições de 1936, o general Francisco Franco e a oligarquia provocaram uma guerra civil. Os bolcheviques tomaram o poder em outubro de 1917, legitimados pela maioria do Congresso Nacional dos Sovietes, praticamente sem violência; os militares czaristas e a reação burguesa provocaram uma sangrenta guerra civil. Moral da história: os revolucionários têm de estar preparados para defender a democracia proletária contra a

violência da reação.

"Ditadura do proletariado": este conceito era para Marx e Engels sinônimo de poder democrático das classes oprimidas, como tentou realizar a Comuna de Paris em 1871. Mas sua utilização pela ditadura da burocracia estalinista nos deveria levar a evitar esta categoria, que provoca demasiada confusão.

7. A luta pela soberania dos trabalhadores nos locais de trabalho e moradia pode ser construída em conjunto com a luta pelo Estado, através da construção de um meio ambiente laboral e comunitário sustentável? E qual a importância dos trabalhadores portuários, dos setores estratégicos e daqueles na cadeia logística nessa construção?

A construção de um poder popular começa "por baixo", nos locais de trabalho, nos bairros populares, nos assentamentos rurais, nas escolas. Sem esta auto-organização dos oprimidos, ativa e consciente, não se pode avançar no combate pelo poder político. Se um governo de esquerda ganha as eleições, só poderá avançar na realização de um programa favorável às classes populares se estas estiverem organizadas e mobilizadas de forma autônoma e combativa.

Os trabalhadores portuários, os trabalhadores do transporte, os trabalhadores dos bancos ocupam um lugar estratégico pela sua capacidade de paralisar o funcionamento "normal" do sistema. Mas a luta pela transformação social, pela ruptura com o capitalismo, só pode resultar da unidade de todos, incluindo as enfermeiras, os estudantes, os camponeses, os operários das fábricas, os professores, os jornalistas, os desempregados, os vendedores de rua. Todas e todos são necessários para construir um movimento da imensa maioria, capaz de varrer todos os obstáculos e "virar a mesa".

8. Como inserir nos processos de organização resiliente, trabalho de base, agitação e propaganda da classe trabalhadora, uma capacidade crítica para a elevação de uma consciência de meio ambiente laboral socialmente sustentável na produção e circulação de bens, mercadorias e pessoas no século XXI?

É tarefa dos revolucionários levar às bases um trabalho de agitação e propaganda,

através de panfletos, brochuras, conferências, cursos de formação, bibliotecas populares. Mas, como já havia observado Rosa Luxemburgo, o que mais contribui para elevar a consciência crítica, a consciência de classe e, num segundo momento, a consciência revolucionária é a luta, a experiência de ação coletiva, seja por greves, ocupações, manifestações, barricadas, insurreições. Os revolucionários não podem, portanto, se limitar a difundir brochuras: devem contribuir ativamente para a auto-organização dos explorados e oprimidos, e para sua mobilização combativa.

9. Como podemos subordinar o conjunto das forças burguesas da sociedade ao conjunto das forças populares nas tarefas de construção de um poder popular para uma sociedade economicamente, socialmente e ecologicamente sustentável?

Construir uma sociedade ecologicamente sustentável é uma tarefa decisiva em nossa época. O sistema capitalista, defendido com unhas e dentes pelas forças burguesas, nos está levando, com uma velocidade crescente, a uma catástrofe sem precedentes na história humana: a mudança climática. Se a temperatura do planeta superar os 2 °C acima da época pré-industrial, poderá se desenvolver um processo incontrolável de aquecimento global, que poderá destruir as bases ecológicas para a sobrevivência humana neste planeta.

Só poderemos evitar esta catástrofe através de um processo de mobilização anticapitalista, levando à constituição de um poder popular decidido a iniciar um processo de transição em direção ao ecossocialismo. Para isto é necessário, desde agora, promover ativamente a convergência entre lutas sociais e lutas ecológicas, desde uma perspectiva estratégica anticapitalista. Um exemplo disto é o MST, que luta por uma reforma agrária radical, rompendo com o monopólio do agronegócio capitalista ecocida, destruidor das florestas, e desenvolvendo, em seus assentamentos, a produção agroecológica de alimentos saudáveis para o povo.